

**Dos públicos na contemporaneidade:
reflexões sobre agendamento reverso e espiral do não-consenso**

*Of audiences in contemporary times:
reflections on reverse scheduling and non-consensus spiral*

Deborah Susane Sampaio Sousa LIMA¹

Resumo

O trabalho traz considerações sobre teorias que podem ser ressignificadas a partir dos contextos sociais contemporâneos, em especial a *Agenda Setting* e a Espiral do Silêncio, mobilizando reflexões em torno dos temas. Para isso, a pesquisa retrata as discussões acerca do entendimento sobre “massas” e a influência dos usos das redes sociais digitais nos fenômenos contemporâneos de participação dos usuários nas discussões públicas. As ideias originárias de Maxwell McCombs e Elisabeth Noelle-Neumann são utilizadas para demonstrar essa reconfiguração contemporânea, refletindo no que pode vir a ser compreendido sobre o agendamento reverso e a espiral do não-consenso.

Palavras-chave: *Agenda Setting*. Espiral do Silêncio. Redes sociais. Agendamento reverso. Não-consenso.

Abstract

The work brings considerations about theories that can be resignified from the contemporary social contexts, especially the *Agenda Setting* and the *Spiral of Silence*, mobilizing reflections around the themes. For this, the research portrays the discussions about the understanding about “masses” and the influence of the uses of digital social networks in the contemporary phenomena of user participation in public discussions. The ideas originating from Maxwell McCombs and Elisabeth Noelle-Neumann are used to demonstrate this contemporary reconfiguration, reflecting on what can be understood about reverse scheduling and the spiral of non-consensus.

Keywords: *Agenda Setting*. *Spiral of Silence*. Social networks. Reverse Scheduling. Non-consensus.

¹ Doutoranda em Comunicação e Linguagens pela Universidade Tuiuti do Paraná (UTP).
E-mail: dsusane@gmail.com

Introdução

O estudo dos processos midiáticos requer a compreensão a respeito do conjunto de práticas de comunicação pertencentes ao campo das mídias. Estudar a mídia e seus processos evolutivos é fundamental para compreender a vida, como fundamenta Silverstone (2005, p. 13) quando defende que suas implicações têm reflexo no cotidiano social, político, cultural e econômico, sendo preciso vislumbrá-la “como algo que contribui para nossa variável capacidade de compreender o mundo, de produzir e partilhar seus significados”.

O trabalho em tela apresenta reflexões a respeito das reconfigurações de estudos tradicionais das mídias e suas teorias, contribuindo com as discussões dos formatos comunicacionais realizados especialmente a partir dos usos de plataformas *on-line* de interação social. Para tanto, o artigo resgata as teorias da *Agenda Setting* e da Espiral do Silêncio, próprias dos estudos da comunicação de massa, contribuindo para a discussão da aplicação de análises, na contemporaneidade, da participação dos públicos nos processos comunicacionais.

A inércia dos públicos

As teorias da comunicação e do jornalismo integram as ciências que justificam os formatos comunicacionais estabelecidos em sociedade fazendo parte do contexto cultural em que ela se insere. Logo, os estudos a estes respeito remontam às proposituras da cultura e dos meios de comunicação de massa, termos surgidos no século XIX, cujos conceitos se alicerçam nas reflexões acerca das sociedades modernas.

Há diversas abordagens nos estudos da comunicação que retratam os efeitos dos *media* sobre as massas, consideradas sob a ótica da audiência e estudadas a partir das influências da persuasão das mídias sobre como pensar e o que pensar. Exemplo disso, estão as ideias do agendamento midiático e da espiral do silêncio que retratam análises a respeito do movimento dos veículos de comunicação sobre as multidões. Notadamente, essas teorias demonstram uma inércia ou incapacidades dos sujeitos de reagir ao que lhes é posto pelos veículos comunicacionais.

Nessas linhas de pensamentos, os sujeitos são comumente apresentados como entes com comprometida autonomia nos processos de escolhas, os quais sofrem influência dos veículos de comunicação de massas, sendo a ponta das investidas mercadológicas que permeiam as estruturas de consumo de informações. “[...] o sujeito, na era da indústria cultural, deixa de decidir autonomamente. Ele passa a ser consumidor, ou seja, não é mais o sujeito, mas o objeto da indústria cultural” (BRITTES, 2007, p. 187).

A teoria do Agendamento Midiático (ou *Agenda-Setting*) é baseada em hipóteses formuladas a partir de estudos relacionados à saliência das pautas noticiosas sobre as pautas públicas, a partir das análises de Chapel Hill realizadas por Maxwell McCombs e Donald Shaw, em 1968 (MCCOMBS, 2009). “O *agenda setting* constrói sua hipótese afirmando que a influência não reside na *maneira como os mass media fazem o público pensar, mas no que eles fazem o público pensar*” (FERREIRA, 2001, p. 111-112, grifos originais).

Ou seja, segundo seus pressupostos, existe um efeito do direcionamento das agendas midiáticas que é realizado pelos *media* quanto àquilo que os públicos vão pautar como temas sociais. Esses efeitos estariam mais ligados à condução das pautas públicas que mesmo ao modo como as pessoas iriam pensar. “[...] a principal afirmativa da Teoria da Agenda é que os temas enfatizados nas notícias acabam considerados, ao longo do tempo, como importantes pelo público. Em outras palavras, a agenda da mídia estabelece a agenda pública” (MCCOMBS, 2009, p. 22).

As notícias do dia nos alertam sobre os últimos eventos e modificações dos amplos ambientes que estão além de nossa experiência imediata. Mas os jornais e as notícias da TV, mesmo as bem editadas páginas de um jornal tabloide ou de um site da web fazem muito mais do que sinalizar a existência de temas e eventos importantes. Na sua seleção diária e apresentação de notícias, os editores e diretores da redação focam nossa atenção e influenciam nossas percepções naquelas que são as mais importantes questões do dia. Esta habilidade de influenciar a saliência dos tópicos na agenda pública veio a ser chamada de função agendamento dos veículos noticiosos. (MCCOMBS, 2009, p. 17-18)

A Espiral do Silêncio também tem raízes no viés da inércia dos sujeitos, remontando ao final da década de 60, relacionando a influência dos veículos de

comunicação sobre o comportamento das pessoas a partir da repercussão das informações. Essa ideia, apresentada pela cientista política Noelle-Neumann, defende que as opiniões majoritárias tenderiam a ter mais apoio social, suprimindo o ânimo dos que pensassem diferente por manifestar suas ideias contrárias.

[...] os indivíduos formam uma representação do estrato e do êxito das opiniões no interior do seu ambiente social; a exposição de suas opiniões passa pelo crivo da apreciação feita da repartição de opiniões no interior do ambiente social; se a repartição das opiniões não corresponde à sua repartição afetiva, é sinal de que houve uma supervalorização ou subvalorização da opinião em questão; as opiniões dominantes no presente podem ser vistas em relevância no futuro; se a força do presente difere de uma outra em ascensão no futuro, é a previsão da situação do futuro que prevalecerá. (FERREIRA, 2001, p. 113-114)

Como processo reflexivo decorrente da espiral do silêncio, existe um tensionamento sobre a postura da mídia em não discutir determinados assuntos de interesse dos públicos pelo fato de não fazerem parte dos meandros da maioria. O resultado acaba sendo uma camuflagem das opiniões que impactam os pensamentos sociais apresentando uma realidade mediada não-representativa, incorrendo no silenciamento das opiniões divergentes.

Essas correntes apregoam ideologias da sociedade de massa que, paulatinamente, foram incorrendo em termos e visões dentro dos estudos das teorias da comunicação. Intrigante refletir como os significados desses conceitos são reconfigurados, não apenas com investidas sobre a desconstrução de suas estruturas significativas, como também mediante novos contextos sociais advindos da modernidade. Os usos que são feitos da *internet*, por exemplo, permitem que os públicos se tornem, cada vez mais, maestros dos fluxos comunicacionais e, portanto, de um sistema da indústria cultural “invertido”.

Do movimento das multidões

Piotet e Pisani (2010) relatam que, na contemporaneidade, os *web*-atores são os próprios criadores de valor no movimento cultural, partindo do pressuposto que inúmeros dados disponibilizados em rede são produzidos por eles mesmos. Desse modo, “eles ultimamente adquiriram uma importância crescente, participando maciçamente da

organização das informações e da produção do conhecimento” (PIOTET; PISANI, 2010, p.115).

Percebe-se uma agenda das multidões conduzindo os ditames das discussões *on-line* fortemente arraigada da contribuição dos usuários. Nesse aspecto, Piotet e Pisani (2010, p. 120) mencionam que na “web de ontem, o essencial dos dados era colocado on-line pelas organizações. Na de hoje, aproximadamente 60% dos dados são colocados pelos usuários”, acrescentando ainda que “25% do tráfego ocorre nas redes sociais, espaços privilegiados de troca e participação”. Os dados retratam como a dinâmica das redes estabelece uma corrente cooperativa entre os usuários a partir das plataformas disponibilizadas.

Os usos dos espaços de discussão contemporâneos ressignificam alguns processos comunicacionais, embora não se possa falar que determinam uma nova sociedade, considerando o que apregoa Castells (1999), ao afastar o dilema do determinismo tecnológico. Segundo o autor, a tecnologia é a própria sociedade, não havendo como falar em sociedade sem entendê-la a partir de suas ferramentas tecnológicas.

Assim, a evolução da tecnologia é resultado dos próprios movimentos sociais, restando claro que a transformação tecnológica não é a responsável pelas novas formas sociais, já que “a tecnologia não determina a sociedade. Nem a sociedade escreve o curso da transformação tecnológica [...]. Entretanto, [...] embora não determine a evolução histórica e a transformação social, a tecnologia (ou sua falta) incorpora a capacidade de transformação das sociedades” (CASTELLS, 1999, p. 25-26).

Do disposto, compreende-se como o movimento das multidões pode impactar nos processos sociais. Observe-se que esses indivíduos apresentam uma dinâmica diferente da compreendida pela ideia das “massas”, distantes e amorfas. Apresentam-se como colaboradores dos processos metabólicos que formam a síntese da sociedade, amparadas pelos usos da comunicação mediada por computador, especialmente, em meio à era da *internet* e o consequente desenvolvimento de modalidades digitais de interações *on-line*.

Rede é um conjunto de nós interconectados. [...] Redes são estruturas abertas capazes de expandir de forma ilimitada, integrando novos nós desde que consigam comunicar-se dentro da rede, ou seja, desde que compartilhem os mesmos códigos de comunicação (por exemplo, valores ou objetivos de desempenho). Uma estrutura social com base

em redes é um sistema aberto altamente dinâmico suscetível de inovação sem ameaças ao seu equilíbrio. (CASTELLS, 1999, P. 498)

Ora, tendo o entendimento de que as massas remontam às correntes dos estudos da comunicação mais intimamente ligados às ideologias da inércia dos sujeitos mediante as investidas dos *media*, Ferreira (2007, p. 24) reforça que a influência da indústria cultural “encarna e difunde um ambiente em que a técnica arremata poder sobre a sociedade, reproduzindo e assustando o poder econômico daqueles que já dominam sobre a sociedade”. Essas diretrizes incorporam a ideia de que:

A força da sociedade, vertebrada pela racionalidade técnico-instrumental, se legitima e é difundida pela indústria cultural. De outro lado, se encontra o indivíduo vítima de tais estruturas, com a imagem marcada pela vulnerabilidade. Há uma relação assimétrica entre a força da indústria cultural e a fraqueza dos indivíduos e da sociedade. (FERREIRA, 2007, p. 24)

Entretanto, seguindo entendimentos levantados por autores como Williams (1969), a ideia de massas – bastante adotada nos estudos comunicacionais – é fortemente tensionada, na atualidade, em razão desses movimentos das multidões por meio dos usos das redes. Interpretar os grupos participativos como massas, para Williams, por exemplo, é aproximar os indivíduos da visão marginal dos sujeitos, visto que o termo decorre historicamente das militâncias das classes trabalhadoras.

O autor defende que "em verdade não há massas, há apenas maneiras de ver os outros, como massa"(WILLIAMS, 1969, p. 309), pois esta visão afasta os indivíduos não-pertencentes a determinados ciclos sociais. Logo, o pensador defende que "massas são sempre os outros" e, por isso, para os outros “nós também somos massas”. Verificando o andamento da dinâmica das multidões, na atualidade, os outros encontram potencialidades de entrelaçamento e de condução dos processos sociais de forma coletiva e não apartadas ou marginalizada.

Assim também apregoa Silverstone (2005), quando esclarece que a mídia de massa foi uma plataforma criada pelo imperialismo do capital, com as instituições dominando as comunicações, mas admite reconfigurações citando mudanças diante da intensificação da cultura midiática com o crescimento da *internet* e “pela promessa de

um mundo interativo em que tudo e todos podem ser acessados, instantaneamente” (SILVERSTONE, 2005, p. 17).

Eles também agendam...

Nesse contexto, tendo como bastante difundidos os paradoxos entre as teorias que abordam as massas como conglomerados de sujeitos amorfos e inertes diante das investidas dos *media*, é possível propor uma movimentação em torno de reconfigurações de suas abordagens, na contemporaneidade. O pesquisador McCombs (2009) já apreendia dentro da lógica do agendamento midiático a possibilidade da existência de um agendamento reverso nos fluxos estabelecidos por ela, que pode ser percebido dentro do movimento das multidões.

Segundo o autor, as pautas públicas também se revestem da capacidade de influenciar os noticiosos, em meio a um movimento da participação coletiva na construção dos fenômenos midiáticos, como referencia McCombs (2009). O autor reconhece a existência de um agendamento com o fluxo estabelecido a partir dos públicos para os *media*, embora suas pesquisas se aprofundem nas análises do agendamento midiático.

No geral, as ideias sobre agendamento midiático de McCombs (2009) apresentam empiricamente como os veículos jornalísticos constroem a agenda pública e implicam na saliência das informações transmitidas aos públicos, sendo o estágio inicial da formação da opinião pública.

Esse ensaio sobre os impactos da mídia na formação da opinião pública pode ser percebido com veemência nas reconfigurações dos noticiosos sobre os processos de construção das informações. Uma tendência à valorização da participação popular nos meandros da comunicação – outrora vista como massa – afastando do espectro do domínio generalizado das esferas das indústrias de mídia.

É nesse contexto que os formatos de participação popular na formação das pautas midiáticas têm se intensificado. Não há que se defender a existência de algo completamente novo, pois é reconhecidamente plausível admitir que os *media* desenvolveram seus produtos com a interferência dos públicos de alguma maneira. Mas

os modelos vão se reestruturando com o desenvolvimento da própria sociedade e suas tecnologias.

A nova mídia é construída sobre as bases da velha. Ela não nasce completamente emplumada ou perfeitamente formada. [...] Mas a mudança tecnológica produz, sim, consequências. Elas podem ser, e certamente têm sido, profundas: tanto visível como invisivelmente, o mundo em que vivemos. (SILVERSTONE, 2005, p. 47)

Segundo Rosnay (2003), o advento do processamento eletrônico de informações com as redes interativas de comunicação já provoca uma ruptura com as referências clássicas de dominação, na medida que a própria sociedade passa a figurar fortemente sob redes organizadas, rompendo com estruturas necessariamente de poder. Assim, passam a se inserir mais dentro de um ecossistema informacional, que mesmo dentro de uma estrutura industrial, o que possibilita a manifestação dos sujeitos nesses processos de emancipação e participação popular:

Outro choque: a emergência de pessoas. Nos nós da rede 'informacional' evoluem, doravante simultaneamente, atores diversificados, comunicantes e criadores potenciais: os 'neurônios' de um cérebro planetário nascente. Não são mais os 'usuários' de antes, passivos utilizadores de serviços pensados por outros, mas os produtores/consumidores de novos instrumentos interativos que multiplicam os poderes e a eficácia de cada um. Esses novos instrumentos são para a sociedade 'informacional' o que as máquinas mecânicas eram para a sociedade industrial. (ROSNAY, 2003, p. 206)

É possível ver o quanto vêm sendo reconfigurados esses processos comunicacionais dos noticiosos com a veemente participação dos sujeitos, direta ou indiretamente, na formação das notícias, especialmente por meio dos usos das redes sociais de interação *on-line*. Uma tendência fortemente captada com a inserção dos *blogs* de notícias por sujeitos moderadores dessas plataformas digitais.

Keen (2009) chega a sugerir que, com o aumento desenfreado das ações de amadores no mundo dos noticiários mediante as plataformas disponíveis em rede, os veículos tradicionais de informações estariam sofrendo para permanecerem no mercado, dadas as dificuldades de jornais e de revistas angariarem anúncios pagos. Estes estariam migrando para plataformas *on-line* gratuitas, como *sites* e *blogs*.

Tudo isso implica numa reformulação do conceito da identidade amorfa dos sujeitos. Outrora “inertes”, agora ativos e ávidos pela participação nas mais diversas modalidades, amparados pelas possibilidades das redes sociais. Um exemplo prático dessas implicações está na história real do “Beto é do Mal” narrada por Jenkins (2009), na qual um internauta, no outono de 2001, fez uma montagem com a imagem do líder terrorista da Al-Qaeda Osama Bin Laden ao lado de um personagem do programa infantil televisivo Vila Sésamo, da década de 70, o famoso Beto.

O usuário postou a imagem, editada no *Photoshop*, em uma página da *internet* que gerenciava como forma de brincadeira, entre tantas outras fotomontagens. Então, após o atentado de 11 de setembro, um editor de *Bangladesh* buscou imagens na *web* de Bin Laden para promover campanhas antiamericanas, utilizando a foto editada do terrorista acreditando ser real, pois os árabes não tinham familiaridade com Beto.

Os movimentos antiamericanos rodaram o mundo com essas imagens dispostas na *internet*, até que os criadores do programa tomaram conhecimento do fato e fizeram manifestos dizendo sentirem-se ultrajados com a associação e o uso de Beto de forma ofensiva e infeliz. Eis um retrato da força das mobilizações em rede tendo como elemento-chave os públicos e não necessariamente a indústria midiática.

Um não-consenso em espiral

As definições acerca da teoria do Espiral do Silêncio levam à compreensão da incisiva força dos *media* sobre a opinião pública. Para além de determinar sobre o que pensar, sua presunção evidencia também a influência do que dizer. As proposições da teoria sugerem que a condução das opiniões dominantes acaba por gerar desconforto nas minorias, promovendo um silenciamento ou mesmo um guiamento do que pensar a partir daquilo que é superestimado socialmente, aditando as perspectivas do agendamento midiático.

Elisabeth Noelle-Neumann, estruturou uma hipótese complementar a esta ação do agendamento. Como a mídia diz ao povo sobre o que pensar e sobre como pensar as pessoas tendem aceitar a opinião da maioria com receio de serem excluídas ou discriminadas pelo grupo a que pertencem. Este fenômeno Noelle-Neumann chamou de Espiral do Silêncio. Uma notícia veiculada pela mídia tende a crescer em uma espiral atingindo mais e mais pessoas e impondo a opinião da maioria

àqueles que não possuem uma opinião formada. (MACHADO FILHO, 2010, *on-line*)

Nesse sentido, a mídia teria significativo peso sobre a opinião pública, vez que representaria, em tese, a opinião majoritária, o que implica exatamente no receio de se preferirem visões diferentes às postas pela indústria midiática dado o risco do isolamento social, segundo a fundadora da teoria. Em suas pesquisas, analisava o impacto sobre a mudança de opinião a partir da conexão entre as informações midiáticas e os posicionamentos dos sujeitos.

Partindo do conceito da *percepção seletiva* e retomando o de *acumulação* provocada pela mídia, conceito aliás que a então ainda recente hipótese de *agenda setting* havia colocado em circulação, Noelle-Neumann destacava a *onipresença* da mídia como eficiente modificadora e formadora de opinião a respeito da realidade. (HOHLFELDT, 1998, p. 36, grifos originais)

A ideia da Espiral do Silêncio toma forma materializando-se exatamente na imagem de uma espiral crescente em forma de gráfico no qual um dos vértices é o tempo. O outro vértice representa as opiniões públicas, que oscilam – de um lado indicando a falta de vontade de opinar mediante o risco da rejeição e, do outro, a opinião majoritária tida como verdade que vai se fortalecendo com a crescente do gráfico.

O gráfico da espiral elenca, portanto, como a opinião majoritária vai ganhando força e enfraquecendo a opinião minoritária, simbolizando essa tendência progressiva de condicionamento dos públicos sobre o que falar. Das pesquisas que embasaram a teoria de Noelle-Neumann (2017) estavam as análises sobre as intenções de votos em períodos eleitorais, nas quais verificou como se davam as escolhas dos candidatos pelos indecisos.

A pesquisadora diagnosticou que muitos eleitores indecisos acabavam por definir em quem votar a partir das percepções que tinham sobre qual deles sairia vitorioso segundo o desígnio da maioria. A mídia teve papel fundamental nesse processo, vez que ministrava sobre os sujeitos o poder de influência a partir do excesso de exposição de

alguns temas, além de apresentar semelhança nas formas com que as notícias são produzidas e veiculadas em torno do mesmo assunto.

A pesquisadora passou a intuir que a influência da mídia sobre o receptor não seria, portanto, assim tão tênue. Pelo contrário, o efeito da *acumulação*, levantado pela hipótese de *agenda setting*, poderia ter outros resultados: era bem mais forte a influência da mídia sobre o público do que se poderia imaginar, [...]. Essa influência, ao contrário do que se dissera nas últimas décadas, não se limitava apenas *sobre o quê pensar ou opinar*, como afirmava a hipótese de *agenda*, mas também atingiria *o quê pensar ou dizer*. (HOHLFELDT, 1998, p. 37, grifos originais)

Curiosamente, em tempos de redes digitais de interação, parece o isolamento não ser temor preponderante à limitação das opiniões divergentes apregoadas pela teoria do Espiral do Silêncio. Isso porque enquanto o indivíduo calcula o risco do isolamento antes de empreender esforços para proferir sua opinião – a partir da observação das opiniões que o cerca na tentativa de minimizar as possibilidades de desconforto nas aglomerações sociais – a facilidade de estabelecer os contrassensos sobre a opinião da mídia nessas redes tem sido facilitada pelos usos de computadores e aparelhos móveis.

A pesquisa de Noelle-Neumann (2017) apresenta o temor dos sujeitos sobre o que dizer diante dos riscos de retaliações sociais, de modo que a opinião das pessoas sofre influência direta do que os outros dizem nos discursos preponderantes. Além disso, a Espiral do Silêncio também retrata a influência sobre as opiniões a partir do que se imagina que os outros possam pensar diante de um posicionamento minoritário. Tudo isso sempre tendo a mídia um papel fundamental nos processos de formação ideológica.

Nesse sentido, apesar de Recuero (2014) defender a permanência do fenômeno da espiral sobre os debates em redes sociais com agrupamentos *on-line*, é notório o empoderamento dos públicos e a polarização das discussões apresentadas nas mídias digitais gerenciadas por veículos noticiosos, a partir dos comentários deixados pelos internautas. Parece haver uma instigação ao não-consenso, gerando episódios divergentes da ideologia da Espiral do Silêncio, especialmente em temas polêmicos, a exemplo de política, religião e futebol.

O crescimento de estudos a respeito da ideia da Espiral do Silêncio relacionados às mídias sociais, especialmente com a publicação dos resultados da *Social Media and*

the 'Spiral of Silence', pela *Pew Research Center* (DWYER, et al. 2014), retratou a presunção da manutenção da não-discordância sobre temas postos em agrupamentos sociais *on-line* como forma de evitar o conflito.

Na pesquisa, foram identificadas condições que afastavam os sujeitos dessas discussões nas redes sociais, a partir da análise de casos polêmicos nos Estados Unidos, a exemplo do Edward Snowden, que revelou uma bipolarização das opiniões entre os americanos sobre os sistemas de espionagens e de vigilância do governo.

A investigação foi corroborada por Recuero (2014), no Brasil, com uma pesquisa abordando a violência na mídia social, na qual a pesquisadora retratou como os efeitos da mediação e do conflito na mídia social contribuem para o silenciamento dos discursos discordantes. Ocorre que a investigação da Espiral do Silêncio tinha como prisma a ideia das massas, ainda como sujeitos vulneráveis, enquanto na contemporaneidade essa identificação de qualidade dos sujeitos sociais vem sendo reconstruída.

Recuero (2014) apreende que a “mídia social torna as redes sociais mais heterogêneas. Isso basicamente quer dizer que mais gente que pensa diferente de você está mais conectado a você na mídia social (uma vez que as redes são mais complexas) do que no off-line. Ou seja, você tem mais acesso às opiniões discordantes e o conflito pode ser mais frequente com isso. Assim, ferramentas de filtragem, como as que o Facebook implementou ('silenciar', 'unfollow' etc.) são mais relevantes para as pessoas” (RECUERO, 2014, *on-line*). Entretanto, as possibilidades dos usos da *internet* em rede sugerem meios de participação reconfigurados.

[...] novas relações que estão se configurando entre a mídia, o Estado e a opinião pública devido à comunicação em rede. O conceito de “massa” muda radicalmente nessa nova fase da comunicação humana. Ela deixa de ser um grupo formado por indivíduos interagindo dentro de regras morais estabelecidas pelos seus pares e passa a ser formada por vários grupos que agora deixam de ser apenas receptores de mensagem, mas também exercem a função de emissores de mensagem. Além disto, se inter-relacionam de forma muito mais constante e em um intenso fluxo de informações do que com a mídia tradicional. [...] Esta nova configuração está explícita nas redes sociais que inundam a Internet. E mesmo que muitos ainda estejam excluídos digitalmente, essas pessoas são atingidas pela contra-informação gerada por blogs, sites, Twitters e etc. (MACHADO FILHO, 2010, *on-line*)

Observe-se que o estudo de Recuero (2014) faz uma análise de redes formadas exclusivamente entre pessoas (grupo de familiares, grupo de amigos, grupo de trabalho), onde o silêncio é mais conveniente. Isso difere do entendimento acerca da espiral quando envolve uma organização noticiosa, pois suas redes sociais incorporam diversos nichos, tendo os usuários um distanciamento afetivo das outras pessoas. Neste caso, há um estímulo dos internautas pela exposição de suas visões antagônicas exatamente como modo de incitar o debate e, a partir disso, promover a interação de modo mais incisivo entre os participantes da rede.

Os espaços destinados aos comentários de usuários da rede nas publicações dos *media* tornam-se arenas para o debate público, nos quais os internautas incitam uns aos outros à participação em torno de suas provocações, na medida que dirigem respostas entre si, interagindo mutuamente e apresentando facilmente argumentos contrários.

Essa orientação dos fluxos de comunicação por meio das redes sociais – mais precisamente, dos comentários dispostos pelos públicos em conteúdos gerados por veículos noticiosos – é um retrato da influência da participação da sociedade no direcionamento da geração de informações *on-line*. Portanto, não mais identificada pela identidade de uma massa homogênea, os nichos e agrupamentos de sujeitos apresentam-se cada vez mais divergentes, com pensamentos e opiniões diversas exibidas nessas ferramentas.

A Espiral do Silêncio não cresce mais na mesma velocidade de antes, e as pessoas agora encontram novos grupos dentro do conforto de suas casas, no trabalho ou pelas Lan Houses espalhadas por todo país para se relacionarem. O Agendamento também perde sua eficácia, pois os assuntos ganham novos ângulos, novas interpretações e novos dados, além de muitas vezes, os assuntos preteridos pela mídia encontram espaço para discussões na rede. (MACHADO FILHO, 2010, *on-line*)

Por estas razões, partindo também do pressuposto que os sujeitos se apresentam cada vez mais em multiplicidade de contextos, em pluralidade de ideias (e ideais), numa diversidade de posicionamentos sobre o que está posto, é que se pode observar que, na contemporaneidade, existe um movimento que afasta os entes da Espiral do Silêncio,

incidindo sobre os estilos de vida uma espiral do não-consenso. Isto é, na sociedade contemporânea o silêncio nos debates é suprimido pela multiplicidade de opiniões.

Considerações finais

Diante do exposto e considerando a importância do valor histórico apreendido acerca da propositura das massas, percebe-se que o constante desenvolvimento das pesquisas acerca dos processos comunicacionais envolve a visão dos sujeitos em inúmeras experimentações e possibilidades. Isso permite o deslocamento das percepções mais rígidas acerca das representações teóricas das “massas” para uma flexibilidade das interpretações sobre a influência dos *media* na vida em sociedade.

Nesse sentido, tratar os sujeitos como massas pode ser entendido como algo inadequado, pois pressupõe “um receptor amorfo e incapaz de reagir à informação, negando assim a própria característica fundamental da comunicação, que é afetar o receptor” (TEMER, 2016, p.16). Especialmente na contemporaneidade, a influência dos meios de comunicação tem grande moderação da própria sociedade. Prova disso, é o agendamento reverso já preconizado nos estudos de McCombs (2009).

Observando os fenômenos mais recentes das redes sociais digitais, é possível perceber um crescente interesse pelos públicos em participar do ambiente digital. Diversos comentários lançados nas mídias sociais digitais gerenciadas por veículos noticiosos, por exemplo, demonstram que existe um ambiente favorável para uma corrente de contestações *on-line*.

Notadamente, esse universo de opiniões também contrárias retrata como é possível ir além do receio do isolamento típico apontado pela Espiral do Silêncio. A possibilidade da discussão em rede torna-se um facilitador desses movimentos em razão da multiplicidade de nichos de sujeitos que pode existir o universo em rede, revestindo-os de certo “anonimato digital”, de sorte que a afinidade e o vínculo afetivo entre os participantes da rede é quase inexistente.

Desse modo, o trabalho traz considerações sobre teorias que podem ser ressignificadas a partir dos contextos sociais contemporâneos, em especial a *Agenda Setting* e a Espiral do Silêncio, mobilizando reflexões em torno dos temas.

Referências

BRITTES, Juçara. O receptor no âmbito dos enfoques teóricos dominantes nas ciências da comunicação. *In: Teorias da comunicação: epistemologia, ensino, discurso e recepção.* FERREIRA, Giovandro Marcus; MARTINO, Luiz Claudio (Org.). Salvador: Edufba, 2007.

CASTELLS, Manuel. **A sociedade em rede.** 2. ed. São Paulo: Paz e Terra, 1999.

DWYER, Maria. et al. **Social media and the ‘Spiral of Silence’.** Washington: Pew Research Center, 2014. Disponível em: <<http://www.pewinternet.org/2014/08/26/social-media-and-the-spiral-of-silence/>>. Acesso em 18 abr. 2018.

FERREIRA, Giovandro Marcus. As origens recentes: os meios de comunicação pelo viés do paradigma da sociedade de massa. *In: FRANÇA, Vera Veiga; HOHLFELDT, Antonio; MARTINO, Luiz Claudio (Org.). Teorias da comunicação: conceitos, escolas e tendências.* 2 ed. Petrópolis: Vozes, 2001.

FERREIRA, Giovandro Marcus. A técnica nos estudos da comunicação: sob a égide do determinismo e da negociação. *In: FERREIRA, Giovandro Marcus; MARTINO, Luiz Claudio (Org.). Teorias da comunicação: epistemologia, ensino, discurso e recepção.* Salvador: Edufba, 2007.

HOHLFELDT, Antônio. Espiral do Silêncio. *In: Famecos, Porto Alegre, n. 8, v. 5, p. 36-47, jul. 1998.* Disponível em: <<http://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/revistafamecos/article/view/5466/3967>>. Acesso em: 19 abr. 2018.

KEEN, Andrew. **O culto do amador:** como blogs, MySpace, YouTube e a pirataria digital estão destruindo nossa economia, cultura e valores. Tradução: Maria Luiza X. de A. Borges. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2009.

MACHADO FILHO, Francisco. O fim da Espiral do Silêncio. *In: Portal da Revista Fórum.* Santos: 2010, *on-line.* Disponível em <<https://www.revistaforum.com.br/o-fim-da-espiral-do-silencio/>>. Acesso em 23 abr. 2018.

MCCOMBS, Maxwell. **A teoria da agenda:** a mídia e a opinião pública. Petrópolis: Vozes, 2009

NOELLE-NEUMANN, Elisabeth. **A espiral do silêncio:** opinião pública - nosso tecido social. Tradução: Cristian Derosa. São Paulo: Estudos Nacionais, 2017.

PIOTET, Dominique; PISANI, Francis. **Como a web transforma o mundo:** a alquimia das multidões. Tradução: Gian Bruno Grosso. São Paulo: Senac São Paulo, 2010.

RECUERO, Raquel. **A espiral do silêncio na mídia social.** 2014 (*on-line*). Disponível em: <<http://www.raquelrecuero.com/arquivos/2014/08/a-espiral-do-silencio-na-midia-social.html>>. Acesso em 16 abr. 2018.

ROSNAY, Joël de. O salto do milênio. In: MARTINS, Francisco Menezes; SILVA, Juremir Machado da (Orgs.). **Para navegar no século XXI**: tecnologias do imaginário e cibercultura. Porto Alegre: Sulina/Edipucrs, 2003, p. 205-211.

SILVERSTONE, Roger. **Por que estudar a mídia?** Tradução: Milton Camargo Mota. 2. Ed. São Paulo: Edições Loyola, 2005.

WILLIAMS, Raymond. **Cultura e sociedade**. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1969.